

435
ilustrações

Carlos
Eduardo Novaes
Vilmar Rodrigues

Capitalismo PARA PRINCIPIANTES

A HISTÓRIA DOS PRIVILÉGIOS ECONÔMICOS

Não era fácil no tempo das cavernas: o homem ainda não dominava a Natureza, era difícil conseguir alimentos, não havia excedentes de produção. Então o homem inventa armas e ferramentas, consegue produzir mais bens e os mais fortes passam a dominar os mais fracos: chega a escravidão, que divide os homens em senhores e escravos.

Com o tempo a escravidão evolui para o feudalismo, que se apoia na propriedade da terra e na servidão dos camponeses. Os que não produzem nada (nobreza e clero) são os que têm tudo. E os que não têm nada pagam tributos aos que têm tudo. Na sociedade feudal surgem os mercadores. No começo suas relações (comerciais) se dão na base do troca-troca (de mercadorias). Com a expansão do comércio, cria-se o dinheiro. Ao dinheiro acumulado pela compra quase de graça e pela venda pelos olhos da cara, os mercadores dão o nome de capital. Surgem os primeiros capitalistas, e assim começa a história do capitalismo. Em *Capitalismo para principiantes*, que alia humor, informação e reflexão, o leitor verá como o capitalismo transformou o mundo e promoveu o bem-estar geral... dos capitalistas. Para a grande maioria, a vida continua muito difícil, como no tempo da servidão, da escravidão e das cavernas.

435
ilustrações

Carlos
Eduardo Novaes
Vilmar Rodrigues

Capitalismo

PARA PRINCIPIANTES

A HISTÓRIA DOS PRIVILÉGIOS ECONÔMICOS



27ª edição
5ª impressão

ea
editora arca

UNIVERSIDADE



Diretor editorial adjunto
Fernando Paixão

Editora adjunta
Carmen Lucia Campos

Editor assistente
Emílio Satoshi Hamaya

Revisão
Ivany Picasso Batista (coord.)

Editora de arte
Suzana Laub

Editor de arte assistente
Antonio Paulos

Projeto gráfico
Rex Design

Diagramação
Vilmar Rodrigues

Arte-final
René Etienne Ardanuy

Edição eletrônica de imagens
Cesar Wolf

ISBN 978 85 08 08592 7

2008

Todos os direitos reservados pela Editora Ática.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 - São Paulo, SP - CEP 02909-900
Tel.: (11) 3990-2100 - Fax: (11) 3990-1784
internet: www.atica.com.br - www.aticaeducacional.com.br

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Compost Gráfica e Editora Ltda



Sumário

Prefácio	Capitalismo & Democracia, a convivência impossível	4
Capítulo 1	O princípio	5
Capítulo 2	O mercador	17
Capítulo 3	O novo mundo	29
Capítulo 4	Comércio exterior	30
Capítulo 5	O capitalismo em campo	50
Capítulo 6	A concorrência	63
Capítulo 7	O monopólio	70
Capítulo 8	A colonização	86
Capítulo 9	O imperialismo	103
Capítulo 10	A antítese	109
Capítulo 11	E o patropi?	116
Capítulo 12	E veio a guerra	124
Capítulo 13	O milagre	135
Capítulo 14	As multi	161
Capítulo 15	Nova sociedade	172
Capítulo 16	A ideologia	181
Capítulo 17	A competição	193
Capítulo 18	Tudo errado	202

Capítulo 1 O princípio

Capitalismo & Democracia, a convivência impossível

O título original deste livro era *Capitalismo para principiantes – crianças e militares*. Reduzi o título, mas mantenho o livro dedicado às nossas crianças e aos nossos militares.

Sou filho de militar, um velho lobo-do-mar, que chegou a almirante, acreditando que o mundo se dividia em "democracia" e comunismo. Durante todos estes anos em que estivemos juntos, ouvi meu pai falar de pátria, segurança nacional, democracia, psicossocial, mas jamais escutei da sua boca a palavra "capitalismo". Precisei crescer mais um pouquinho para entender seu alheamento. Os militares, afinal, não estão sujeitos às leis do mercado: não têm patrão, não precisam ir à greve, não sofrem o desemprego, não discutem aumento salarial, não trabalham para o enriquecimento de outros homens. As Forças Armadas não são, enfim, um negócio em busca do lucro.

Talvez por isso meu pai nunca enxergou o lobo do capitalismo sob a pele de cordeiro da "democracia". Nunca suspeitou que a "democracia", cantada em prosa e verso, não anda sobre as próprias pernas. Ela, como qualquer regime político, precisa de um sistema econômico que lhe dê um sopro de vida.

No mundo ocidental, o sistema que movimenta as ditas democracias é o capitalismo. Curiosamente o capitalismo é o mais desumano, injusto, perverso e antidemocrático de todos os sistemas econômicos. Os militares que conheço nunca souberam disso; as crianças também não. Daí dedicar-lhes este livro. Às crianças, na esperança de que cresçam interessadas em entender o capitalismo. Aos militares, para que reflitam duas vezes antes do próximo golpe.

Carlos Eduardo Novaes

Cerca de 28,7% das informações históricas desta obra foram recolhidas do livro *La trukulenta historia del capitalismo*, do mexicano Riis, que recolheu 50,6% do seu material do livro *Historie Bogen*, dos suecos Annika Elmqvist, Gittan Jonsson, Ann Mari Langemar e Pal Rydberg, que, por sua vez, recolheram 67,3% do seu texto da própria história do capitalismo.

No princípio era o verbo.



Com a chegada do Capitalismo, mudou o verbo do princípio.



Mas voltemos ao ponto de partida. Depois do sujeito e do verbo, veio o clã, a primeira forma de organização social, onde os homens sobreviviam na base do slogan dos Três Mosqueteiros.



Todos trabalhavam na medida de suas capacidades, voltados para o bem comum (bem comum? o que é isso?). Um trabalho duro, realizado com instrumentos primitivos. A barra era tão pesada que a duração média de vida era de 18 anos.



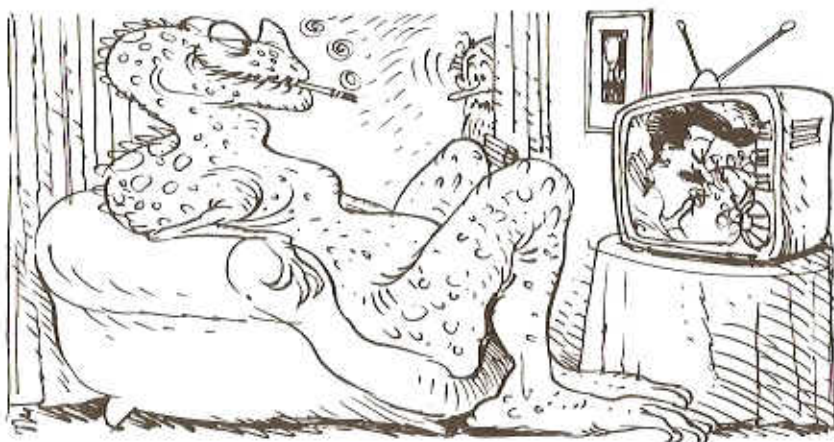
Era uma época em que, na luta contra a Natureza, o Homem andava levando de goleada.



A dificuldade para se conseguir alimento era enorme, maior que um cantossauro. Ainda não havia o programa Alimentos para a Paz. Também não havia excedentes de produção, e o espectro da fome rondava o clã como aos nossos nordestinos. Nessas condições, tudo era rachado entre todos.



Foi mesmo uma sorte os nossos ancestrais não terem morrido de fome. Se assim fosse, a História do Homem teria terminado ali e hoje certamente haveria um dinossauro morando no meu apartamento.



E, afinal, como foi que o homem saiu dessa? Transando com a Natureza. Naquela de horror (ou dá ou desce), o Homem tratou de inventar armas e ferramentas.



Munido de arco e flecha, o Homem já não precisava mais encarar um brontossauro. Aumentaram os meios de obtenção dos alimentos. O Homem começou a produzir então mais do que era preciso para o consumo imediato. Foi inventada a dispensa.



Com a aparição dos excedentes, desenvolveu-se um intercâmbio entre as tribos. Começou um troca-troca infernal.



Aí a vaca (o mamute, melhor dizendo) começou a ir pro brejo: surgiu, no horizonte da História, a possibilidade da apropriação do resultado do trabalho alheio.



Apareceu, então, a propriedade privada dos meios de produção; num momento, eu creio, em que o Criador estava distraído. Séculos mais tarde, um cidadão com idéias socialistas, chamado Proudhon, afirmou: "a propriedade é um roubo", mas ninguém lhe deu atenção.



Os grupos (clãs, tribos) mais fortes, mais produtivos, mais bem armados começaram a dominar os mais fracos. Instituiu-se a lei da selva, e, como Tarzã ainda não havia nascido, o pau comeu. Como resultado...



A Escravatura foi chegando e fazendo suas reformas: transformou a antiga sociedade sem classe (classe nenhuma, as pessoas comiam com as mãos) numa outra com duas classes.



O escravo era apenas um homem que já não pertencia mais a ele mesmo. Ou melhor, nem era um homem. Tratava-se de um animal que falava pouco mais que um papagaio.



Tudo que o escravo produzia pertencia ao senhor. Algo muito parecido com o que acontece ainda hoje no Nordeste. A produção, contudo, aumentava. A produção do senhor, bem entendido.



Os escravos, porém, não concordavam muito com a tese dos senhores. Um dia...



Só havia uma saída: virar a mesa da História.



Mais uma vez, os alto-falantes da História anunciam: Atenção, sai Escravatura e entra Feudalismo.



Mas que diabo é o Feudalismo?

Um regime que se apoiava na propriedade da terra e marcou a sociedade medieval na Europa. Foi a base da exploração dos camponeses (parece que foi ontem!).



Em comparação com os escravos, os camponeses viviam mais empenhados em aumentar a produtividade do seu trabalho, porque possuíam uma pequena propriedade.



Apesar dessas pequenas conquistas, o camponês continuava segurando a lanterninha do torneio de classes sociais, atrás da nobreza, do clero e dos artesãos.



Até meados do século XV, a vida correu mansa para o Feudalismo na Europa Central. A região estava cheia de pequenos reinos, separados por bosques, riachos e florestas. Quem vivia num reino não sabia o que se passava no outro. Ainda não tinham inventado o telégrafo, nem o telex, nem o jornal, nem o rádio, e o desmatamento ainda não havia virado moda.



Só havia um detalhe nisso tudo: os nobres e o clero eram os únicos que não arregaçavam as mangas para produzir o que todos necessitavam para viver. No entanto — pasmem —, eram também os únicos que tinham casa, comida e roupa lavada.

E ninguém protestava contra isso?



Quer dizer, na realidade os homens se dividiam em duas categorias: os que tinham terra e os que não tinham terra. O mais engraçado de tudo isso é que os que não tinham nada é que pagavam impostos aos que tinham tudo.



As camadas inferiores da população eram muito ignorantes e acreditavam que Deus dividira os homens entre ricos e pobres e que a missão dos pobres na Terra era a de pagar impostos. À ignorância se aliava o medo: ninguém ousava duvidar de Deus para não correr o risco de virar churrasco.



Capítulo 2 O mercador

E corria tudo dentro dos conformes, até que um dia — tam, tam, tam — a sociedade feudal foi surpreendida com a chegada de um novo personagem. Senhores e senhoras, a História tem o prazer e o orgulho de lhes apresentar: o Mercador!



O Mercador vendia de tudo: pimenta, âmbar, peles, peças de vidro, vinhos importados, tecidos, só faltava mesmo uísque e cigarros americanos.



Como ainda não havia o dinheiro, o negócio era fechado na base da troca: ovos, mel, manteiga, peixes e coisas feitas pelos artesãos por tecidos, espadas, armas em geral.



Excelente negócio, na verdade, faziam os nobres, que conseguiam mercadorias preciosas pagas com o trabalho dos outros, dos artesãos, que não tinham terras, nem nada para trocar com o Mercador.

Com o tempo, os artesãos ganharam um espaço para ficar.



As locomotivas feudais promoviam suas festinhas para exibirem as compras, e o Mercador voltava ao seu trabalho. Uma moleza de trabalho: a única coisa a fazer era comprar e vender.



No início, o comércio era pequeno, mas com o tempo foi crescendo de uma forma que afetou toda a vida da Idade Média. No centro dos negócios estava Veneza, com suas gôndolas e suas venezianas.

Agora um parêntese para falar do dinheiro. Nesses reinos da Europa Central todos os senhores feudais podiam cunhar suas próprias moedas. Isto acabou gerando a maior confusão. Os mercadores, que percorriam vários reinos, já estavam à beira da loucura de tanto fazer câmbio. Com o andar da carruagem, é evidente que Veneza foi impondo a sua moeda e botando-a para girar. Por isso ela é redonda.



Aparecem, então, os primeiros capitalistas, ou seja, aqueles mercadores que utilizavam o dinheiro para fazer mais dinheiro. O dinheiro deixava de ser um meio de troca para ser um fim em si mesmo.



Os mercadores venezianos foram ficando cada vez mais ricos. Naturalmente os outros mercadores começaram a ficar de olho grande. O comércio com o Oriente, porém, era monopólio dos venezianos. Os venezianos, andando de barco e gôndola desde criancinha, chegaram primeiro às especiarias orientais.



Os outros mercadores morriam de inveja. Os portugueses, então, estavam com cócegas de ir ao Oriente.



Os navegadores portugueses tanto agitaram, que conseguiram o patrocínio de alguns nobres para financiar suas viagens. Resolveram se jogar ao mar, em todas as direções, à procura de uma nova rota para o Oriente. Quem descobrir primeiro avisa ao outro, tá?

Um dos primeiros a zarpar foi o nosso conhecido Vasco da Gama.



Vasco da Gama passou várias semanas enjoando no convés. Só via mar por todos os lados. Começou a suspeitar que estava perdido: será que os venezianos roubaram até o Oriente? Já estava pensando em voltar quando, um dia, depois de quatro meses de viagem...



Vasco da Gama, depois de cruzar o Cabo da Boa Esperança (sem a menor, já que caía um temporal), deu de cara com os turcos e os árabes. Os árabes tinham mercadorias que interessavam aos portugueses: marfim, ouro, porcelana. Os portugueses, infelizmente, não tinham nada que pudesse interessar aos árabes. Nem sardinha em lata.



Vasco da Gama tinha feito uma viagem miserável daquelas e se esquecera de levar produtos para troca. Foi aí que começaram a criar piadas com os portugueses. Vasco pensou em dar um tiro na cabeça. Mas, por um golpe de sorte, desses que bafejam todo cidadão que entra para a História, Vasco encontrou um guia de turismo que lhe ensinou o caminho das Índias.



A 20 de maio de 1498, Vasco chega à Índia. Saltou e, lembrando-se dos turistas brasileiros em Buenos Aires, saiu comprando tudo. Segundo Leo Huberman, autor da *História da riqueza do Homem*, os lucros atingiram a 6 000%.



Quando Vasco retornou a Portugal, o rei só faltou arriar as calças pra ele. Vasco foi escolhido o Homem de Visão do Ano, e, a partir daí, o comércio foi se intensificando aos saltos. Os lucros, porém, já não eram tão grandes.



Os barcos seguintes que desatracam de Lisboa partem armados até os dentes.



Enquanto isso, os espanhóis, que também se fizeram ao mar atrás das Índias, perderam a bússola e vieram esbarrar na América Latina, onde iam chegando e tomando conta das terras.



A essa fase da História, alguns desavisados costumam chamar de "Período dos Grandes Descobrimentos". A verdade, porém, era outra: ninguém estava a fim de descobrir nada além de novos caminhos para grandes lucros.



Você duvida? Pois saiba que um pequeno banqueiro alemão, Jacob Fugger, em seu balancete de 1546, mostra débitos do Imperador alemão, dos reis da Inglaterra, de Portugal, da rainha da Holanda e — pasmem — até do Papa.



Sim, sim, mas e os portugueses, que saíram com navios armados até os dentes? Estariam pensando em pescar sardinha com canhão?



Os portugueses desembarcaram nos centros comerciais da Costa africana e foram se apoderando das cidades, na base da porrada: matando, dominando, saqueando. Invadiam as casas dos mercadores árabes e roubavam tudo ante a estupefação geral.

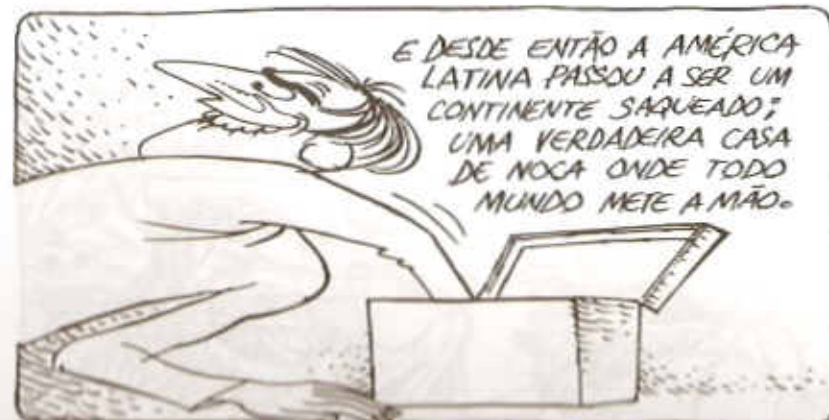


Na América, não foi muito diferente. Os espanhóis, chegando com soldados, canhões, armas de fogo, mas sempre com a cruz na frente, que ninguém é besta. Invadiram os impérios inca, maia, asteca, as ilhas do Caribe e deixaram as regiões habitadas por índios menos dotados, como por exemplo o Brasil, para Portugal.

Os "conquistadores" tiraram os índios de suas terras, mataram seus chefes, violaram suas mulheres, destruíram sua cultura e fizeram a todos escravos. Mas em compensação...



Graças ao ouro roubado no México, no Peru e em outras regiões dominadas, os conquistadores espanhóis e portugueses ergueram suntuosos palácios e igrejas em seus reinos.



Não. Ainda hoje a gente sabe que os salários nunca aumentam na mesma proporção dos preços. Naquela época, como hoje, os salários são conquistados com sangue, suor e lágrimas. Acontece que ainda não tinham inventado o sindicato, nem as greves, nem os piquetes.

Sim, e há um outro dado: os senhores feudais, donos das terras, também estavam numa merda de dar gosto: continuavam a receber os antigos arrendamentos, baixos, e tinham que pagar novos preços, altos.

E tem mais: o Estado, que despontava, também suava para equilibrar o seu orçamento.



Foi uma época em que embolou todo o meio do campo. Só se beneficiaram mesmo os mercadores, os negociantes, a burguesia, enfim, que começava a botar suas manguinhas de fora. Os senhores feudais, já não tão ricos como no passado, se apavoravam com a possibilidade de perderem seu status.



Os camponeses, que permaneciam num estado pouquinho coisa melhor que os nossos camponeses nordestinos, não podiam pagar. Os senhores feudais então...



Aldeias inteiras foram postas na rua. Muita gente morreu de fome. Os camponeses não tinham muita escolha: ou viravam mendigos ou assaltantes de estrada.



Como acontece até hoje, as leis eram feitas pelos poderosos: os senhores feudais eram os próprios juizes. Assim até eu!



O despovoamento das aldeias, porém, deixou os reis embanados. Os camponeses, ficando sem terras, já não lhes pagavam mais impostos.



Os donos da terra — senhores feudais —, contudo, sobreviviam porque nesse período ocorreu uma importante modificação: desapareceu a velha idéia de que a terra era importante em relação ao total do trabalho sobre ela executado. O desenvolvimento do comércio, da indústria e a Revolução dos Preços tornaram o dinheiro mais importante do que os homens. A terra virou fonte de renda.



Antes que fosse tarde, os nobres, que já estavam empenhando seus brasões e suas coroas, trataram de investir contra os donos da terra, para tentar restabelecer os impostos.



A sucessão de crises de poder e de riqueza tinha que acabar desembocando numa guerra.



Os nobres estavam com problemas: precisavam de dinheiro para formar e equipar seus exércitos. Onde conseguir? Ponto para quem disse com os comerciantes e negociantes.



E os comerciantes patrocinavam os exércitos dos reis.



Os comerciantes, como devem ser os bons comerciantes, ganhavam pelos dois lados com a guerra. Emprstavam dinheiro aos nobres — criando uma dependência —, que por sua vez compravam as armas nas suas mãos.



Os comerciantes é que não eram. Os nobres também não, que os nobres nunca apreciaram fazer força. Só podiam ser os artesãos.



Os artesãos demoravam muito fazendo um canhão. Às vezes, a guerra acabava e eles ainda estavam no meio do canhão. Os comerciantes resolveram, então, modificar as formas de produção.



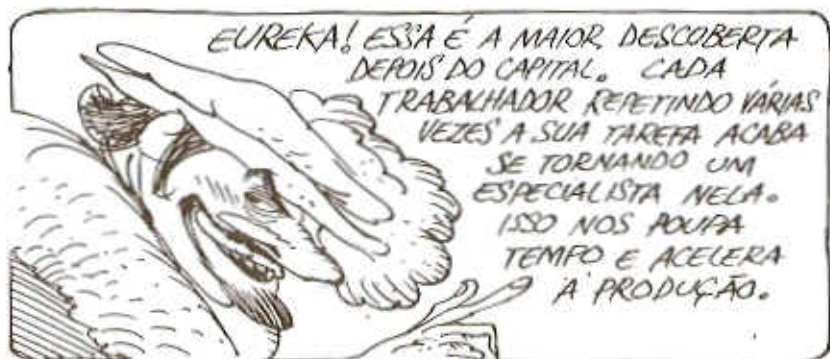
Os comerciantes aboliram o sistema de produção familiar, aboliram o sistema de corporações e implantaram um sistema chamado doméstico. Os artesãos passaram a trabalhar em casas e galpões dos comerciantes. Com isso, a independência dos artesãos foi pro brejo.



Mas os artesãos agora dependiam da matéria-prima. Além disso, a nova organização do trabalho colocou auxiliares e ajudantes ao lado dos artesãos (o que, aliás, quebrou o maior galho de muitos camponeses, que, com o fechamento das terras, puderam ganhar uns trocados vendendo sua força de trabalho).



Os artesãos se transformaram em empregados dos comerciantes. Uma relação inteiramente nova. Os comerciantes descobriram, então, que quando se emprega um bom número de pessoas para fazer um certo produto — canhões, por exemplo — é possível dividir melhor o trabalho.



A indústria dava, então, os seus primeiros passos. Surgiram, no palco da História, os primeiros operários assalariados. Daí para a frente, o caldo vai engrossar... pro lado dos operários, naturalmente.



Capítulo 4 Comércio exterior

No início do século XVII, na Europa, os pequenos reinos inchavam e transformavam-se em novos Estados. A pergunta que corria de boca em boca era a seguinte: como transferir para o Estado os mesmos princípios que tornaram várias cidades-reinos ricas e importantes?



Quanto mais ouro e prata o país acumulasse, mais rico seria. Imediatamente, vários países baixaram leis proibindo a saída desses metais.



Países como a Espanha — o mais rico do mundo no século XVI, graças às colônias nas Américas —, que não tinham mais onde botar ouro e prata, podiam aumentar suas reservas. Mas e os que não dispunham nem de bronze? Como fazer? Vamos ver o que dizem os mercantilistas.



Sim, sim, até aí tudo bem, mas como mantê-la favorável? Aumentem a produção dos seus artigos e vendam além-mar. Mas se cuidem para que as exportações sejam sempre maiores que as importações. A diferença recebam em moeda de ouro. Dou minha cara a tapa se não der certo. Para aumentar a produção e o lucro, nada melhor do que conseguir matéria-prima barata no além-mar. Matéria-prima e — não esqueçam — mão-de-obra.



E foi dada a partida para uma nova corrida à África. Vários negociantes ficaram milionários apanhando negros africanos e vendendo-os na Europa, América do Norte, América do



Sul... Nasceu aí a expressão "mercado negro". O maior negociante nesse mercado foi um cidadão inglês de nome John Hawkins, que, vendendo seres humanos, chegou a ser nomeado pela rainha "Cavalheiro do Reino".



A rainha ficou tão impressionada com os lucros de Hawkins que rapidinho perguntou se ele não precisava de uma sócia nesse nobre empreendimento. Na segunda expedição de Hawkins, a rainha emprestou-lhe um navio. O detalhe mais curioso era o nome do navio.



Onde estes caçadores de escravos punham os pés, creiam, não crescia mais grama. Os portugueses no início, depois os ingleses e holandeses, só causavam devastação e despovoamento. Uma idéia dos métodos holandeses para acumular capital: em 1750, Bawjuwangi, província de Java, tinha 80 mil habitantes; em 1811, sua população era de apenas 18 mil.



Mas o filé *mignon* era mesmo a África. No Congo, como a população também diminuía, o rei (Afonso) resolveu tomar uma providência. Chamou os mercadores negros que negociavam escravos com brancos europeus.



O comércio de escravos tinha suas regras fixas: os africanos só recebiam coisas em troca dos escravos. Já os negociantes europeus vendiam-nos a dinheiro, obtendo lucro e acumulando capital. Foi assim que a Holanda se tornou a principal nação capitalista do século XVII (o primeiro escravo negro levado para os Estados Unidos, em 1619, desembarcou de um navio holandês).



Os livros oficiais de História fingem que não sabem, mas foram mais de 100 milhões de pessoas convertidas em escravos. Cem milhões de pessoas vendidas como animais. E ainda hoje as grandes potências ocidentais reclamam por que a África não segue a via capitalista (???)



O comércio escravo trouxe riquezas para as grandes metrópoles. No Brasil, Estados Unidos, Jamaica, os negros trabalhavam nas plantações das cinco da manhã às sete da noite, sem direito a férias, feriados, fins de semana, décimo-terceiro, inps, aviso prévio. Viviam sob a lei do chicote.



A Igreja, que durante séculos bajulou o Poder, acobertava as práticas dos senhores. Ao invés de ajudar os negros, ameaçavam-nos ainda mais.



E assim os capitalistas fechavam o círculo: vendiam escravos na América para trabalharem de graça, produzindo bens nas plantações. Esses bens eram industrializados na Europa e levados para a África, onde eram trocados por escravos, que eram vendidos na América, para trabalharem de graça, produzindo bens nas plantações. Esses bens eram industrializados na Europa e levados para a África, onde eram trocados etc. etc. ...



Em meados do século XVII, porém, o Feudalismo já estava com seus dias contados.



O Feudalismo dava sinais de cansaço. Na Inglaterra, que controlava todo o comércio entre a Europa e os outros continentes, o Feudalismo fazia sinal para o banco, pedindo para sair de campo. A sua substituição, porém, só veio com a Revolução Francesa.



A burguesia francesa, que já dispunha do poder econômico mas não do poder político, que já era dona do capital mas não das terras, tratou de promover uma revolução. Não sem antes, é claro, formar a indefectível frente ampla com artesãos, camponeses, plebeus e pequenos comerciantes.



O grito de Liberdade, Igualdade, Fraternidade ecoava democraticamente por toda a França.



Estava lá o Código Napoleônico, que não me deixa mentir. Feito sob medida, para proteger a propriedade: não a feudal, mas a burguesa. O Código tinha dois mil artigos. Quantos tratavam do trabalho?



A burguesia nem disfarçou. Entrou de sola. Por exemplo, numa disputa judicial sobre salários, o Código determinava que só valia o depoimento do patrão. O Código permitia associações de empregadores, mas os empregados não podiam formar nem um clube de bocha.

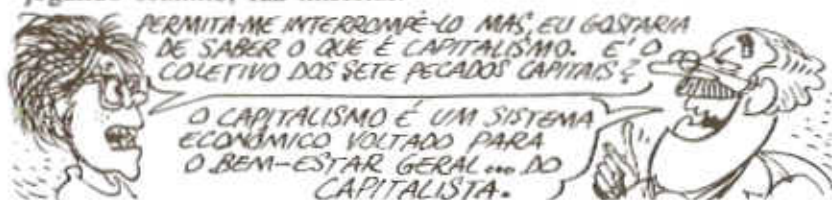


O Código de Napoleão deveria levar a filosofia do mercado livre, do *laissez-faire*, da revolução, enfim, a outros países. Como, porém, o correio não funcionava muito bem, a França resolveu mandar o próprio Napoleão, com seus exércitos, entregar o Código em mãos aos outros países. E Napoleão saiu atirando pela Europa, sendo sempre — passem — muito bem recebido pela burguesia dos países conquistados.

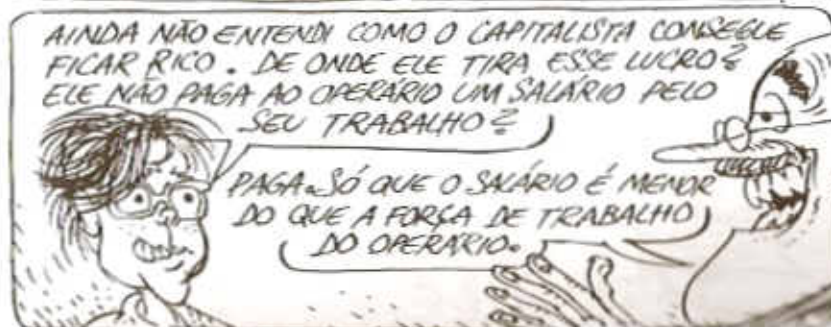
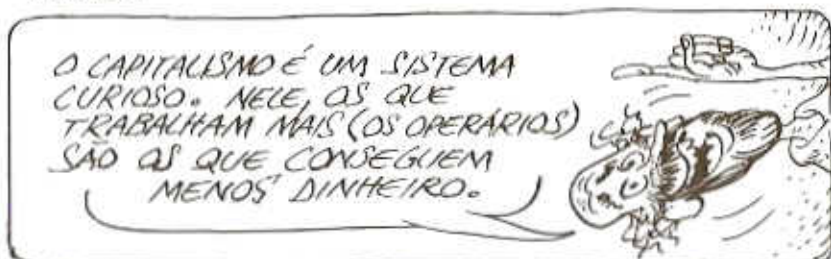


Capítulo 5 O capitalismo em campo

As grandes potências mundiais da época, então, vestem a camisa do Capitalismo. O Capitalismo entra em campo e, jogando sozinho, faz misérias.



As fábricas, as terras, matérias-primas, comércio, bancos, máquinas, ferramentas, tudo pertence aos capitalistas, que manipulam tudo isso com um único objetivo: ter lucros, ganhar dinheiro.



Em outras palavras: todo assalariado ganha menos do que merece, menos do que vale seu trabalho. É nessa diferença que está o lucro. Se o capitalista pagasse honestamente ao operário o valor da coisa produzida, a relação terminaria empatada. Não haveria lucro e não haveria Capitalismo.



À diferença entre o preço de custo da força de trabalho (salário) e o valor da mercadoria produzida, dá-se o nome de *mais-valia*. Quanto mais baixo o salário e mais alto o valor da mercadoria, maior a mais-valia, maior o lucro. Vide nossos paraibas de obra, de um lado, e os nossos sérgios dourados, de outro.



Continuando: Como já ocorrera no século XVI, houve novo fechamento das terras na Europa do século XVIII. Surgiu novamente um exército de homens sem emprego, que, para sobreviver, tinha que procurar um outro tipo de trabalho. Para onde foram, então, esses trabalhadores desempregados?

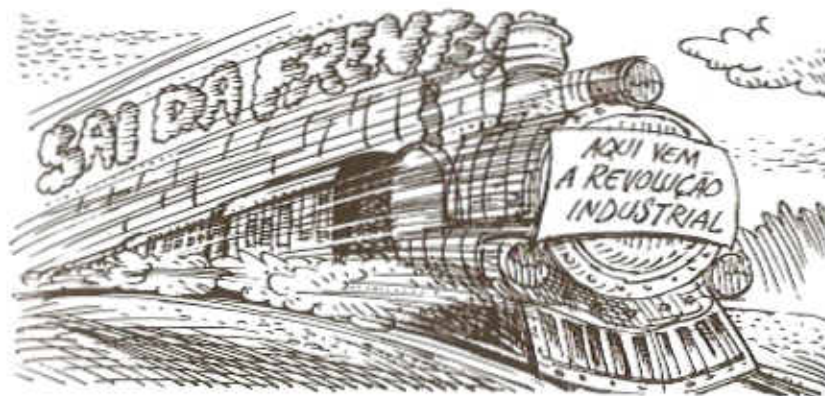


Sem terras, sem empregos, sem ferramentas, só restava a esses homens uma coisa: vender sua força de trabalho.



Tudo indicava que dessa vez o buraco seria mais embaixo ainda, para os operários. Acontece que a máquina, se por um lado permitia a dispensa de um grande número de operários, por outro tornava os operários imprescindíveis para que pudesse funcionar (até porque o capitalista não ia meter a mão na máquina).

E — vejam os senhores — foi exatamente a máquina, criação exclusiva dos capitalistas, que deu origem à classe operária.



A sirene do vapor deu o sinal dos novos tempos: chegam as máquinas a vapor, os barcos a vapor, os trens a vapor, os ferros a vapor, os banhos a vapor...



A revolução nos modos de produção provocou uma cirurgia plástica na cara do mundo. Modificou tudo à sua volta. No passado, quando o objetivo da sociedade era trabalhar para sustento próprio, a Igreja podia denunciar os aproveitadores. Mas, e numa sociedade que passou a ser dos aproveitadores?



A Igreja Católica realmente não se preparou convenientemente para os novos tempos. Mas a Igreja Protestante estava preparada. E como! Enquanto os católicos advertiam que a riqueza poderia conduzir ao inferno, o puritano Baxter dizia, na maior cara de pau: "Aqueles que não aproveitarem a oportunidade de fazer fortuna não estarão servindo a Deus".



O desejo de lucro tornou-se um ideal da conduta cristã. O calvinismo, por exemplo, afirmava que tal desejo era inerente à natureza humana. Na verdade, todos nós sabemos que, com o Capitalismo, o *desejo* foi transformado em *natureza humana*. A poupança e o investimento, desconhecidos na sociedade feudal, se tornaram um dever na sociedade capitalista... para a glória de Deus!



Se a própria Igreja apóia o desejo de lucro, os capitalistas não têm nada a temer. E vamos nós!

Receosos devem ficar os pobres, que vão para o inferno porque não sabem fazer nem um investimento...

As pequenas oficinas se convertem em grandes fábricas, aparecem as chaminés, constroem-se pontes, túneis, minas... O Capitalismo entra de sola na Natureza, transformando-a e colocando-a a seu serviço a qualquer preço.

SURTEM AS GRANDES INVENÇÕES:



Não diria nem que o Capitalismo ia de vento em popa porque já se acabara o tempo das embarcações a vela. O mundo definitivamente mudava de cara. E quem foi o Ivo Pitanguí da época, que mudou a cara do mundo?



Na realidade, quem mudou as feições do mundo foram os operários. Todo o progresso alcançado saía de suas mãos (produção de algodão, ferro, minas de carvão, etc...). Os capitalistas, sempre mais ricos, jamais encostaram o dedo mindinho no trabalho. Os operários, no entanto, se tornavam cada vez mais pobres.



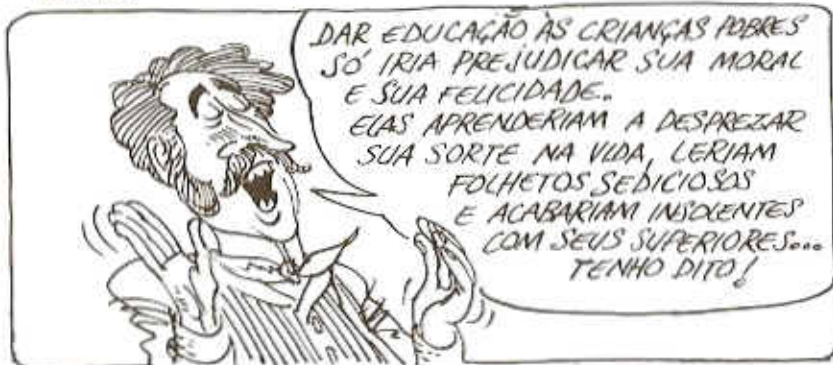
Para o leitor não pensar que é um exagero, segue aqui uma cena extraída do Reports Assistant Hand-Loom Weaver's Commissioners. Alguém pergunta a Thomas Heath, tecelão manual, se ele tem filhos.



Se os filhos de Heath sobrevivessem, na Inglaterra da Revolução Industrial, provavelmente estariam trabalhando nas fábricas desde os cinco anos de idade (das cinco da manhã às oito da noite).



Quando alguém levantava a voz para dizer que as crianças deveriam ir para a escola, saltava sempre de lá um capitalista, como o sr. G. A. Lee (apud *História da Riqueza do Homem*, de Leo Huberman), para demonstrar sua preocupação com a infância.



Todo mundo (até a Igreja) procurava convencer o operário de que ele deveria erguer os braços aos céus e agradecer de todo o coração a sua sorte na vida.



Os capitalistas achavam que podiam fazer e desfazer com as coisas que lhes pertenciam: as máquinas, por exemplo. Como as máquinas representavam um investimento — os operários não —, os capitalistas viviam muito mais preocupados com o bem estar delas.



Tem um dado aí nessa história que deve estar aguçando a reflexão dos leitores: se os operários eram milhares, milhões e os capitalistas uma dúzia, por que os capitalistas continuavam com o poder de decisão?



O Estado era capitalista. Os políticos representavam o Capitalismo; os juizes faziam leis para proteger o capital; a policia fazia com que se cumprissem essas leis. Tudo exatamente como hoje.



No início, os trabalhadores não sabiam como reagir. Na sua revolta inconsciente, amedrontados, elegeram a máquina como inimigo público n.º 1 dos trabalhadores. E trataram de destruí-la.



Rapidamente, os detentores do poder trataram de criar um respaldo legal para proteger seu patrimônio. Em 1812, o Parlamento inglês aprovou uma lei tornando passível de morte quem destruísse uma máquina (nunca se soube, porém, de nenhuma lei tornando passível de morte quem destruísse um operário).



PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Capitalismo para Principiantes" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).